

Revista

FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Resenha

Recepção e cinema: o outro lado da teoria

“Reception and film: the other side of the theory”

SILVIA OROZ

Professora no Curso de Comunicação da UNESA/RJ/BR. <silviaoroz@gmail.com>



ALTMANN, Eliska.

O Brasil imaginado na América Latina:
a crítica de filmes de Glauber Rocha e Walter Salles.
Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2010.

Os estudos de recepção são raros no Brasil, sobretudo quando relacionados a pesquisas no campo do cinema. Um país como o México, por exemplo, publica vários anualmente. Nesse contexto, não podemos deixar de destacar o trabalho coordenado pelo antropólogo Néstor García Canclini sobre os públicos mexicanos nos anos 90 do século passado. Chama atenção essa carência, na medida em que sabemos, hoje, que a recepção é uma compreensão da cultura não apenas no que concerne às questões de conhecimento, mas também

às de *reconhecimento*. Pode-se dizer que tal metodologia consiste numa operação de deslocamento epistemológico cuja revisão do processo completo da comunicação passa a se dar a partir do outro lado: o dos leitores/receptores, e as resistências aí implicadas. Nesse sentido, deslocar-se-ia o lugar das perguntas, uma vez que o enfoque no receptor, para além de uma mudança endógena da teoria, seria o resultado de uma nova postura em relação às profundas alterações sociais e políticas.

Foi devido a questionamentos relativos às instituições culturais e a autoritarismos políticos que os receptores ganharam valor nos estudos de cultura. Roger Chartier já havia ressaltado o papel central do leitor no processo de completude artística. Umberto Eco, por sua vez, assinala a impossibilidade de neutralização da interpretação imprevisível daqueles que leem ou veem uma obra. Sem contar o significativo avanço do conceito de *mediações* difundido por Jesús Martín-Barbero na década de 1980 e seu entendimento de que mais importante que a obra é o próprio homem – receptor – e sua experiência cultural. Nesse contexto, não podemos esquecer ainda Marcel Duchamp quando ressalta que “os que olham fazem os quadros”.

No livro *O Brasil imaginado na América Latina: a crítica de filmes de Glauber Rocha e Walter Salles*, Eliska Altmann adverte, desde a nota inicial, que seu objetivo não é fazer uma análise fílmica de obras desses diretores, tampouco um estudo sobre considerações internas de concepções identitárias nacionais. O trabalho trata de um estudo da recepção pautado num mapeamento de críticas mexicanas, cubanas e argentinas a filmes dos referidos cineastas de modo que se decifre como imagens do Brasil são vistas no continente, ou seja, como os brasileiros são imaginados por latino-americanos por intermédio do cinema. A autora elucida: “não esqueçamos que imagens, assim como ideias e tradições, sempre são socialmente construídas”. Com isso, quer dizer que acabam sendo as diferentes culturas que constroem e desconstroem imagens. Sob tal perspectiva, o olhar proposto no livro é o do “outro”/“outros”. A

alteridade, sempre presente, mostra-se no desejo de entender/entender-nos a partir de imaginações latino-americanas de “brasilidades”. Eliska Altmann põe em evidência mecanismos dessa dicotomia – eu-outro – no sentido de que a América Latina, apesar de não ter uma única identidade e estar em constante movimento, é vista a partir de certas permanências, que criam uma espécie de “mesmo”. Além disso, com base em entendimentos da crítica cinematográfica, a autora nota que o fenômeno cinematográfico deve ter mais complexidade do que a mera questão de ser “bom” ou “ruim”, não podendo ser reduzido a tais categorias.

Os filmes trabalhados no livro são: *Barravento, Deus e o diabo na terra do sol, Terra em transe, O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, de Glauber Rocha. E *Terra estrangeira, Central do Brasil, Abril despedaçado e Diários de motocicleta*, de Walter Salles. Com isso, são dois os períodos histórico-culturais tratados: 1960-70 e 1995-2003. Duas perspectivas do cinema e do mundo, duas atitudes existenciais separadas no tempo e no espaço. Ambas atitudes, contudo, envolvem o Brasil e a América Latina. Os filmes de Glauber Rocha e Walter Salles são os que mais repercussão têm no continente. As leituras do primeiro cineasta confundem o Cinema Novo com imagens do sertão; enquanto as do segundo o consideram como a continuidade competente de certo cinema brasileiro, sem contemplar possíveis disparidades na comparação.

Ao colocar-se no lugar do outro, o livro apresenta-se como um jogo permanente entre o “eu” Brasil e o “outro” América Latina (numa espécie de síntese – “nós”). A autora examina, com rigor, textos críticos latino-americanos – fato que demonstra a eficácia de uma rica pesquisa histórica – encontrando a hipótese fundamental de que, apesar da distância de tempo a separar a recepção de um diretor e de outro, o eixo crítico é similar – ou seja, a visão do continente sobre o Brasil ao longo de trinta ou quarenta anos tem um sentido de permanência, e, sobre tal sentido, busca-se entender seus mecanismos. Assim, “o Brasil, espelhado num espaço latino-americano

mais amplo, refletiria uma mesma raiz continental, dotada de características feudais, miseráveis, violentas e desglamourizadas”, diz a autora. Considera-se então que, contrariamente à grande parte da crítica brasileira, a crítica latino-americana, de modo geral, vê o Brasil como vítima do mesmo destino não apenas em sentido estrutural, como também numa concepção anacrônica, em que “o futuro seria posto no passado numa linha retrógrada do tempo”.

O Brasil e os “outros” – latino-americanos – são colocados, competentemente, pela autora na árdua tarefa da construção de um imaginário nacional/continental. Imaginário este que envolve a problematização de outras questões como “cinema erudito” *versus* “cinema popular”, “arte comercial” *versus* “arte pela arte”, “alta” e “baixa” culturas. O que torna interessantíssimo dessa imaginação é o fato de ser tomada do ponto de vista da recepção, ou seja, não aquele dos fazedores de imagens, mas daqueles que as veem. Tal deslocamento do centro da discussão acadêmica e cinéfila é uma virtude em si mesma. ●